

BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS

*“Eu sou um pouco da África:
A África está nos meus cabelos, lábios, cor da pele...
Nós temos um pouco da África em nós”*

ALESSANDRO MARQUES DA CRUZ



A experiência pedagógica foi realizada na CEMEIEF Maria Tarcilla Fornasaro Melli, localizada na cidade de Osasco, com as turmas do fundamental I, teve a duração de um ano e o nosso desafio foi tematizar o lúdico em diferentes culturas, ou seja, o lúdico como produção cultural de diferentes grupos sociais, uma homenagem a Johan Huizinga. Em nosso planejamento inicial, a ideia era partirmos do repertório cultural dos estudantes identificando a sua cultura local reconhecendo, valorizando e vivenciando as suas atividades lúdicas, os seus jogos, brincadeiras, lutas, danças e ampliando para outras culturas, territórios e produções culturais como as de matrizes indígenas, africanas e afro brasileiras. Nós tínhamos um grande desafio pela frente, pois sabíamos da importância de trazer para o currículo escolar as manifestações culturais pertencentes aos grupos que historicamente foram colocados às margens da sociedade e fora dos espaços escolares por não pertencerem à uma cultura hegemônica. O currículo cultural colocado em ação ao tematizar as manifestações culturais pertencentes a esses grupos minoritários abre possibilidades de equilibrarmos e praticarmos a justiça curricular favorecendo a diversidade cultural e o multiculturalismo. Nós acreditamos que esses povos e suas produções culturais não devem mais ser colocados à margem da sociedade, das políticas públicas e muito menos dos nossos currículos escolares precisamos caminhar para além das datas comemorativas e festivas. O mapeamento também é enxergar o invisível, a ausência e a excessiva valorização por determinada cultura e conhecimento em relação a outras. No primeiro semestre nós identificamos, vivenciamos e trocamos experiências referentes às manifestações culturais presentes na cultura local e depois ampliamos

nossos conhecimentos ao acessarmos as produções culturais de alguns povos indígenas, principalmente as lutas indígenas. Descrever ou relatar todo o projeto com detalhes correríamos o risco de nos tornarmos cansativos, sendo assim, peço a permissão aos caros leitores, para dividirmos com vocês a nossa produção do segundo semestre quando fomos tematizar os jogos e as brincadeiras dos povos africanos e afro brasileiros.

BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS

E perguntei aos alunos/as porque brincadeiras **africanas** e não **africana** e o que eles entendiam sobre a palavra **afro-brasileiras**?

- A maioria respondeu que seria africanas por ser mais de um jogo que iríamos aprender;
- Outros disseram que seria um país muito grande com diferentes brincadeiras;
- Sobre a palavra afro-brasileiras alguns arriscaram dizer que os brasileiros foram até a África e aprenderam as brincadeiras e trouxeram para o Brasil;
- Tivemos turmas que disseram que os africanos vieram para o Brasil e trouxeram as brincadeiras;
- Alguns alunos sugeriram que as pessoas escravizadas trouxeram as brincadeiras para o Brasil.

O registro acima referente a nossa primeira conversa com os estudantes sobre as brincadeiras africanas e afro-brasileiras nos ajudou a mapear os seus saberes e perceber o quanto o projeto seria fundamental para os grupos compreenderem como historicamente se deu esse processo de colonização e hibridismo cultural, além de aproximá-los do continente Africano e de sua rica diversidade cultural. Pensando nessas questões iniciei o planejamento da próxima aula selecionando um vídeo muito interessante do cantor Jorge Ben Jor que nos ajudou exemplificar de maneira ímpar através da sua canção todo processo de escravidão na África e no Brasil colonial.

[Jorge Ben Jor - Zumbi](#)

Depois de assistirmos ao vídeo perguntei as turmas quais as suas impressões, percepções e comentários sobre o que haviam compreendido:

- Eu percebi que falava o nome de uns lugares e apareciam pessoas diferentes;
- Professor essas pessoas eram de lugares diferentes, algumas mulheres usavam roupas outras não, os cabelos e lenços eram de estilo diferente também;
- Quem eram aqueles homens de terno e chapéu professor?;
- Tinha uma princesa negra com uma roupa bem cara e uma joia bem bonita;
- Havia uma moça que estava pegando algodão e o seu cabelo tinha umas liguinhas coloridas;
- A minha mãe conhece um salão chamado afro hair que fazem penteados afros iguais os do vídeo;
- Oh professor o Vinícius e o Wagner estavam rindo do cabelo da princesa negra e dizendo que parecia com o cabelo da Emanuela;
- Os escravizados eram presos e colocados em navios e depois apareceu algumas fotos deles lutando capoeira e dançando;
- A música falava que o Zumbi era o senhor das guerras e tinham fotos dos escravizados matando os homens brancos.

Depois das análises, percepções e apontamentos dos/as estudantes fomos tecendo e amarrando algumas informações como por exemplo que a África não era um país, mas sim um continente com 54 países e os lugares que eles haviam visto no vídeo juntamente com as pessoas eram alguns países africanos e seus distintos povos, com suas diferenças culturais, territoriais, econômicas e sociais. Existiam etnias que viviam muito bem e tinham seus reis, rainhas, príncipes e princesas, cada povo com sua organização social, porém sofreram com o covarde processo de colonização europeia no século XV, onde os portugueses dominaram os primeiros territórios na costa atlântica por ambição e ganância comercial colocando esses **povos na condição de escravizados, roubando a sua dignidade, as suas terras e riquezas**. Esses povos foram vendidos e separados de suas famílias e enviados em navios negreiros em condições sub-humanas para diferentes estados brasileiros. Porém esse povo guerreiro resistiu e lutou pela sua

liberdade, por isso na música de Jorge Ben Jor o cantor menciona **Zumbi dos Palmares** como senhor das guerras liderando seu grupo no ataque aos senhores de engenho e buscando fugir da exploração e do sofrimento a que foram submetidos. Entendemos que os brasileiros não foram até a África e aprenderam os jogos e brincadeira e depois trouxeram para o Brasil e muito menos os povos africanos vieram para o Brasil e nos ensinaram seus jogos, mas esse covarde processo de colonização que explorou, matou e roubou tanto os povos africanos como os povos indígenas se estendeu por muitos anos e os seus reflexos estão presente nos dias atuais onde esses povos enfrentam as inúmeras injustiças sociais facilmente visíveis em nossa sociedade. Pontuei com o grupo que quando o **Vinicius e o Wagner riram do cabelo da princesa comparando com o cabelo da Emanuelli**, me fez lembrar a postura dos portugueses e de uma boa parcela dos europeus que achavam que seu modo de ser, estar, pensar, vestir, ver o mundo e toda a sua produção cultural era melhor do que a dos outros povos. No entanto, não podemos nos esquecer que a formação do povo brasileiro vem dessa na mistura entre os povos originários, portugueses e africanos. E ao longo da história outros povos foram acrescentando e ampliando ainda mais essa diversidade cultural e o multiculturalismo presente em nosso país. Os grupos dominantes europeus brancos e elite tem um espaço privilegiado em diferentes campos e áreas da produção de conhecimento e comunicação onde a sua cultura é legitimada e sempre colocada como padrão e identidade a ser desejada seja nas redes sociais, canais de televisão, cinema onde os filmes, as novelas, as séries, os jornais, os teatros, as rádios, as propagandas operam a favor de uma supervalorização da cultura branca euro americana inclusive algumas das nossas escolas nos dias atuais operam na contramão da valorização das culturas marginalizadas como as dos povos indígenas e afrodescendentes. Deixo uma pergunta a vocês:

- Quem eu sou nessa teia social e a qual grupo eu pertencço?

“Eu sou um pouco da África: A África está nos meus cabelos, lábios, cor da pele... Nós temos um pouco da África em nós”.

Nas aulas seguintes os/as alunos/as retornaram com muitas demandas, sendo elas:

- Professor na minha família meu pai é negro e minha mãe é branca;
- O meu pai disse que seu avô era italiano e sua avó era africana;
- Minha mãe disse que minha avó era indígena e morava no Mato Grosso;
- Eu descobri que minha família é de origem afro-brasileira com portuguesa.

Ainda muito afetado com todos os sentimentos que foram gerados pelas demandas das reflexões e as intervenções sobre as falas racistas que alguns alunos tiveram referente a Emanuelli, decidimos continuar mapeando os conhecimentos que o grupo tinha sobre o continente africano e pedimos para que respondessem as questões no caderno.

1. O que você sabe sobre a África? Qual a sua visão sobre esse continente?

- São países muito pobres que as pessoas estão morrendo de fome;
- Vejo que eles estão sempre em guerras e sofrendo ataques;
- Que tem leões, girafas e elefantes nos desertos.

2. Quais atividades culturais você conhece de origem africana?

- As mais citadas foram a capoeira e as danças.

3. É possível identificarmos alguma manifestação cultural de origem africana no nosso bairro ou cidade?

- Professor lá no centro de Osasco tem muitos povos africanos vendendo roupas no calçadão.

4. Existe algum centro cultural ou espaço de valorização da cultura negra que vocês conheçam?

- No parque Chico Mendes as vezes tem roda de capoeira e danças hip hop;

5. Vocês conhecem alguns jogos ou brincadeiras africanas ou afro-brasileiras?

- Não conheciam nenhuma.

6. O que vocês já aprenderam na escola sobre esse tema?

- Que a África tem deserto e muitos animais como: Girafas, leões, elefantes e outros bichos;
- Existem muitas pessoas pobres e que estão morrendo de fome;
- Que os povos africanos foram escravizados pelos portugueses.

Nesse momento do projeto propomos as vivências dos jogos e brincadeiras africanas, onde os alunos aprenderam as suas origens, regras e vivenciaram esses textos culturais de diferentes países africano.

- Terra e Mar - Moçambique,
- Pegue a cauda – Nigéria;
- Mamba A brincadeira é tradicional da África do Sul;
- Matacuzana - Moçambique.

Pega a cauda - Nigéria



Mamba - África do Sul



Matacuzana – Moçambique



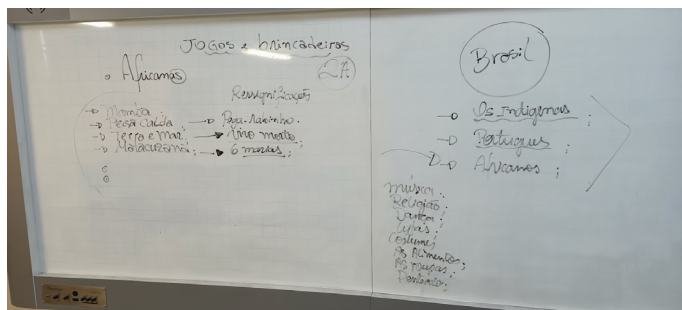
Depois das vivências dos jogos e brincadeiras dos povos africanos, fizemos uma roda de conversa e perguntamos quais foram as percepções, os sentimentos e as leituras que eles fizeram das brincadeiras?

- A maioria dos/as alunos/as conseguiram perceber as semelhanças de algumas brincadeiras africanas e as nossas brincadeiras;
- Eles curtiram muito as atividades e perceberam as características impressas em cada uma delas.

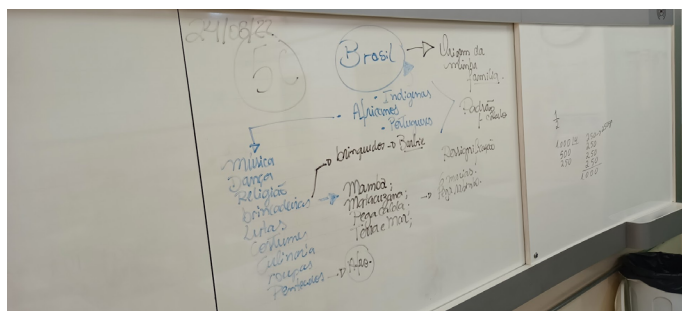
Nesse momento do nosso trabalho tivemos o prazer de receber em nossa escola para estagiar conosco a professora Fernanda que acompanhou essas vivências dos jogos e brincadeiras dos povos africanos e contribuiu muito no planejamento das atividades e nas intervenções pedagógicas, ajudando nossos alunos a perceberem que muitas dessas brincadeiras se assemelhavam às nossas brincadeiras como aparece no quadro abaixo ou seja a cultura não é fixa, ela está o tempo todo em movimento, em transformação e nós somos produtores culturais intervindo, ressignificando, criando, analisando e produzindo novos saberes culturais.



Brincadeiras africanas e afro-brasileiras



A brincadeira matacuzana foi trazida pelos povos africanos de Moçambique na condição de escravos ao Brasil e junto a eles vieram também outros jogos que se utilizaram de pedrinhas. Nós percebemos que ao passar do tempo ela foi ressignificada e sendo brincada com outros objetos e adequada a outros espaços. Assim se assemelha a brincadeira do pega-calda com o já conhecido pega-rabinho, a terra e mar com a vivo morto e a mamba com a cobra cega. Explicamos para as turmas que quando os povos africanos chegaram no Brasil eles não chegaram vazios como os portugueses e europeus pensavam, mas cada grupo trazia com si as suas culturas, religiões e crenças, conhecimentos, valores, as suas artes impressas em seus corpos, as músicas, as danças, as brincadeiras, as lutas, as culinárias, os penteados e a sua história continua sendo escrita em uma terra distante dando origem a cultura afro-brasileira perseguida, negada e colocada à margem até hoje.



Por esse motivo o nosso projeto ao tematizar as culturas africanas e afro-brasileiras contribui para os nossos estudantes acessarem outros saberes, valorizando outras belezas e repertórios culturais, ampliando e aprofundando os seus conhecimentos. Ainda dentro dessa necessidade de problematizarmos as relações hierárquicas promovidas pelos diferentes veículos de comunicação que na sua grande maioria promove a cultura hegemônica. Podemos citar o ***exemplo de uma brincadeira e especificamente um brinquedo a “boneca” e falamos em uma das mais famosas que é a boneca Barbie, sempre esteve reforçando a beleza e os padrões eurocêtricos, e apenas recentemente eles passaram a produzir a Barbie negra. Isso serve*** para refletirmos sobre o quanto as nossas crianças foram influenciadas por este padrão de beleza que por muito tempo a Barbie estabeleceu: branca, loira, magra, dos olhos azuis, rica com carrão e casa de luxo. Quantas crianças queriam ser como a Barbie ou o Ken seu namorado: branco, forte e de olhos azuis, rico e com carrão? Quantas crianças não se sentem feias por não parecer com eles ou não ter o mesmo padrão de beleza ou de vida? Quantas bonecas negras e indígenas vocês conhecem? Quais os super-heróis ou heroínas negros ou indígenas vocês conhecem?

As crianças foram rapidamente colocando as suas opiniões e trazendo novas informações e refletindo sobre a ausência de personagens negros em alguns espaços:

- O professor hoje já tem a Barbie negra também;
- Eu já vi a Barbie negra, grávida, andando de cavalo e passeando como o cachorro;
- Tem também professor, a Barbie que usa cadeira de rodas;
- Hoje professor tem a Barbie em várias profissões: cozinheira, médica, bombeira, dentista, faxineira, bailarina, cantora, veterinária...;
- Eu vi na loja o Ken negro tem várias roupas e estilos de cabelo;
- Agora tem a Barbie e o Ken gordinhos.

A discussão foi muito interessante, aprendemos muitas coisas com os/as estudantes que apresentaram muitas informações que nós não sabíamos. Outro ponto interessante é a preocupação do mercado de brinquedos em representar os diferentes tipos de pessoas e grupos,

isso é um aspecto relativamente interessante, mas não podemos ser ingênuos, pois há um interesse do mercado cultural em atingir outros públicos, mas ainda assim, não podemos deixar de ponderar a importância das referências para as crianças, jovens e adultos, que se identificam nos heróis e heroínas a representatividade racial que buscam. E nos outros temas como super-heróis, heroínas e filmes? Alguns alunos/as levantaram a mão e citaram: Pantera negra, lanterna verde, a tempestade, Monica Rambeau, nesse momento o aluno Miguel levantou a sua mão e disse:

- Professor eu gosto de anime e no começo não tinham muitos personagens negros, mas agora isso também vem mudando no anime, já criaram novos personagens negros/as.

Todo esse movimento acontecendo em nossas aulas nos deixou muito empolgados, pois além dos grupos se reconhecerem pertencentes aos grupos de cultura afro descendentes, eles estavam analisando o seu universo cultural de acesso e lendo a representatividade negra nesses espaços. Então dissemos ao grupo que havíamos aprendido muito com eles sobre esse universo de acesso, mas que muitas coisas ainda precisam melhorar e eles precisam assim como nós continuar lutando para mudar essa realidade ainda muito desigual, então perguntamos ao grupo: Quantos presidentes/as negros/as eles conheciam? Quantos professores/as negras eles conhecem? Quantos políticos negros/as eles conheciam? Quantos empresários negros/as eles conheciam? E passaram a problematizar durante as nossas aulas dizendo: “não podemos nos esquecer dos povos indígenas também né, professor?”

Observando constantemente os nossos registros e tecendo nossos saberes percebemos que não daríamos conta de todas as questões que emergiram, mas precisaríamos retornar em algumas falas e ideias apresentadas pelos estudantes:

- A questão do cabelo da princesa negra e a comparação com o cabelo da aluna Emanuele;
- Há uma demanda de trazermos referências da beleza negra seja nos cabelos, nas vestimentas, nos penteados ou nas personalidades presentes na atualidade;

- Durante as vivências dos jogos e brincadeiras africanas percebemos que alguns alunos/as negras ficavam com toucas e bonés como se tivessem vergonha do seu cabelo;
- Foi construída uma visão em nossos/as alunos/as que os países africanos são pobres e que todas as pessoas nos países africanos estão morrendo de fome e pelas guerras;
- Tive a impressão na fala dos estudantes que a única beleza são as savanas e seus animais.

Ampliando a visão sobre o continente Africano nós pensamos em um curto documentário que retrata os dez países mais ricos da África pensando em trazer outras possibilidades de leitura e significação, para além de uma visão estereotipada reproduzida por muitos telejornais de uma África miserável e pobre.

OS 10 PAÍSES MAIS RICOS 🇸🇨 DE ÁFRICA 2022:



As impressões dos/as alunos/as sobre o vídeo foram muito interessantes:

- Nossa não imaginava que existiam países africanos tão ricos e bonitos;
- Não sabia que existia países tão desenvolvidos e ricos na África;
- Eu mostrei esse vídeo para os meus pais e eles disseram que não querem mais viajar para Europa eles irão conhecer os países africanos;
- Quando eu crescer eu também quero conhecer esses lugares na África;

- Professor eu tenho uma tia que mora lá na África do Sul falo com ela pelo WhatsApp;
- Nossa professor o Egito fica na África que lugar lindo;
- A aluna levantou a mão e disse que tinha um livro sobre o Egito e que os personagens do livro eram retratados como brancos;

Nosso objetivo era ampliar as visões que os alunos tinham dos países africanos, não é negar que existam países sofrendo com as desigualdades sociais, econômica, política, geográfica, mas entender que existem também outras realidades presentes e diversas, para além da miséria e dos desertos e savanas. Nesse momento do projeto, aproveitamos a presença da professora Ariane, mulher, negra, professora, capoeirista que chegou um pouquinho depois das vivências dos jogos e brincadeiras africanas e pode nos acompanhar, planejar e organizar a vivência da capoeira como manifestação cultural afro-brasileira. Entendemos essas práticas como textos fundamentais para acessar essa manifestação cultural que se tornou patrimônio cultural brasileiro e num passado não tão distante perseguida e marginalizada pela sociedade. A vivência da Capoeira com as professoras Ariane e Fernanda iniciou com uma conversa com os/as alunos/as para sabermos quais eram os seus conhecimentos sobre essa manifestação cultural. Foi possível identificar que muitos já conheciam a capoeira, tinha visto essa prática na sua cidade, porém poucos tinham jogado capoeira. Então num primeiro momento pedimos para aqueles/as que sabiam algum golpe da capoeira que pudesse demonstrar para os/as amigos/as ensinando os seus pares. Assim nós fomos registrando os nomes dos gestos que foram surgindo para depois ampliar o repertório dos grupos.

Professora Ariane conversando com o grupo



Brincadeiras africanas e afro-brasileiras

Cocorinha e queixada de frente



Aú com as duas mãos



Ginga



Cocorinha e queixada de frente.

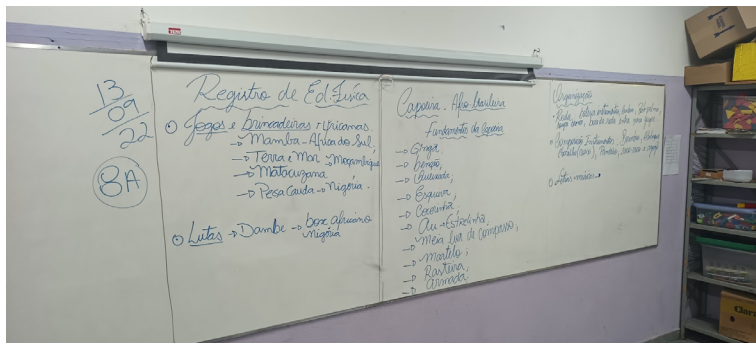


Benção

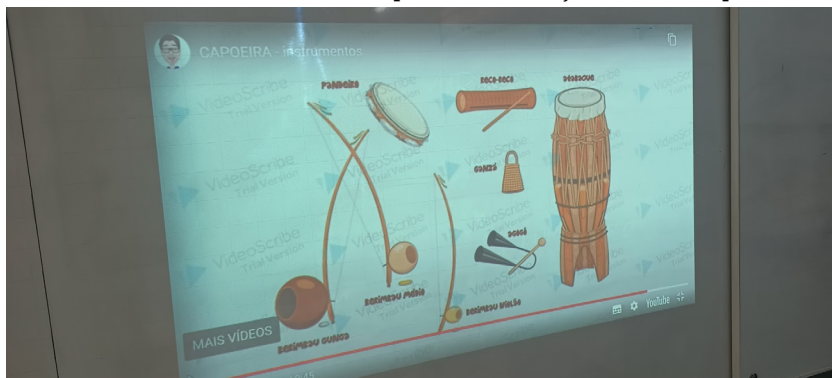


Depois da vivência realizada fizemos uma roda de conversa sobre a experiência vivida e perguntamos quem já havia assistido a uma roda de capoeira? E quais elementos eram necessários para essa manifestação acontecer? Os grupos na sua maioria identificaram e disseram que há uma roda com várias pessoas cantando e batendo palmas, alguns participantes tocam instrumentos enquanto outros/as jogam a capoeira na roda. Fomos registrando na lousa os golpes que surgiram e outros que nós professoras/es conhecíamos. Perguntamos quais instrumentos fazem parte da roda de capoeira e identificamos os seguintes instrumentos: Berimbau, pandeiro e tambor. Com a finalidade de ampliar e os conhecimentos dos/as nossos/as alunos/as apresentamos alguns vídeos sobre as

técnicas da capoeira, os instrumentos que compõem as rodas de capoeira e dependendo dos estilos da capoeira alguns instrumentos são retirados ou acrescentados. Sendo assim, preparamos outras vivências práticas com novos golpes de capoeira e também alguns momentos onde os estudantes conheceram e exploraram os instrumentos de capoeira.



Conhecendo os instrumentos da capoeira e a sua função na roda de capoeira



Conhecendo e explorando os instrumentos da capoeira



Brincadeiras africanas e afro-brasileiras

Explorando os instrumentos



Acompanhando o ritmo da música.



Tocando o berimbau



As vivências inspiraram nossos estudantes e alguns grupos sugeriram montarmos uma apresentação de capoeira na escola, então conversamos com as demais turmas e fizemos o convite para todos/as que gostariam de se apresentar na feira cultural, fizemos alguns ensaios antes da apresentação. A apresentação foi muito bacana, um desafio e tanto, principalmente para quem nunca havia se apresentado nas festas escolares. Parabenizamos os grupos por produzirem e dividirem com a comunidade escolar seus saberes sobre a capoeira. Um momento para divulgarmos e produzirmos as riquezas culturais da nossa cultura afro brasileira.

Durante a apresentação tivemos a participação das famílias jogando capoeira junto com os/as alunos/as.



Logo após essas apresentações promovemos um momento de reflexão sobre a questão que nos chamou muito a atenção, que era a vergonha que alguns alunos/as negros/as tinham dos seus cabelos durante as vivências das aulas, pois sempre estavam de tocas escondendo seus cabelos. Então selecionamos um curta-metragem que retrata uma garotinha negra recém-chegada à escola, que passa a enfrentar o racismo velado e nos ajuda a pensar essas questões.

[“Transições” | Curta-Metragem Animado \(2021\)](#)

Após o vídeo perguntamos quem gostaria de comentar o vídeo? Quais dificuldades ela enfrentou na escola? Vocês acham que existe racismo em nossa escola? Alguém já sofreu racismo ou presenciou o racismo?

- A escola só tinha crianças brancas e ela era a única criança negra e não foi ninguém falar com ela e
- Ela achou que as pessoas não falaram com ela por causa do cabelo dela, mas ela mudou o cabelo e eles continuaram sem falar com ela eu tive vontade de chorar.

O que vocês acharam da postura do pai dela ao perceber que ela estava sofrendo?

- Professor eu já sofri racismo, mas não tinha ninguém para conversar quando eu ia falar com a minha mãe ela nunca ouvia;
- Eu achei muito legal a postura do pai da garotinha ela ajudou ela a perceber que ela podia ser muitas mulheres interessantes;
- O pai dela fez ela perceber que ela poderia usar seu cabelo de muitas maneiras e o problema não era ela, mas sim as pessoas racistas, então ela deixou seu cabelo novamente crescer.

Perguntamos se alguém já havia sofrido algum tipo de preconceito relacionado a sua cor de pele, cabelo ou qualquer outra forma?

Outro curta muito interessante é esse, pois ele traz muitas referências de onde buscar informações sobre as muitas possibilidades de escolher um penteado e retrata as dificuldades nesse processo de aprender a fazer o seu próprio penteado e oferece muitas dicas. Algumas crianças relataram a ausência de ter alguém que as ajude com a preparação do cabelo, pois em muitas famílias o pai e a mãe trabalham.

[AMOR AO CABELO - Hair love \(dublagem em Português\)](#)

A intervenção que o pai da garotinha faz é muito interessante e inspiradora, pois ele traz referências de beleza de mulheres negras para ajudar a sua filha, a primeira referência é uma mulher empoderada e executiva, a segunda uma modelo e a terceira uma cantora Liza muito parecida com a cantora Iza. Pensando nessa ação decidimos selecionar um vídeo do TikTok da cantora Iza como referência para vários penteados no programa The Voice, onde a mesma é jurada, fica muito evidente a ação da cantora para reforçar a beleza negra e seus penteados, pois a cada programa a

cantora aparecia com um penteado mais bonito que o outro e nós selecionamos este vídeo que traz todos esses penteados e apresentamos para as turmas, além disso também trouxemos uma outra referência onde um rapaz negro faz um vídeo no TikTok produzindo vários penteados e possibilidade de usar os seus cabelos. Quando perguntamos se alguém já havia sofrido algum tipo de racismo na escola ou fora relacionado a sua cor de pele, cabelo ou qualquer outra forma? Infelizmente algumas crianças já haviam sofrido racismo e também presenciado outras pessoas sendo vítimas dessa violência. Na tentativa de apresentar possibilidades de agirmos diante dos diversos tipos de racismo seja o direto, estrutural, cultural, religioso ou institucional, analisamos alguns vídeos e casos que poderiam nos ajudar e orientar a buscar possibilidades de se defender dessas práticas monstruosas que cercam as nossas vidas uma das sugestões seria procurar uma delegacia e registrar um boletim de ocorrência, pois o racismo é crime e precisamos continuar combatendo esse mal e a escola precisa ser estrategicamente esse espaço de intensas discussões promovidas junto às nossas crianças construindo coletivamente uma postura antirracista por uma sociedade que respeite a diversidade étnico-racial e não se cale diante dessas práticas racistas. ***Para tanto, após refletirmos sobre essas situações os alunos foram mencionando casos, situações e indicando vídeos sobre o racismo para podermos assistir juntos e discutirmos essas situações em nossas aulas.*** Seguem os links dos vídeos abaixo:

[O racismo contra Michele, uma mulher negra com marido e 3 filhos brancos](#)

[Filha de Bruno Gagliasso é vítima de racismo e ator procura delegacia no Rio](#)

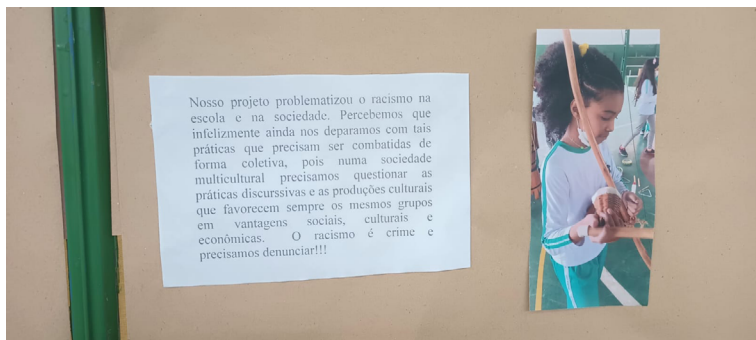
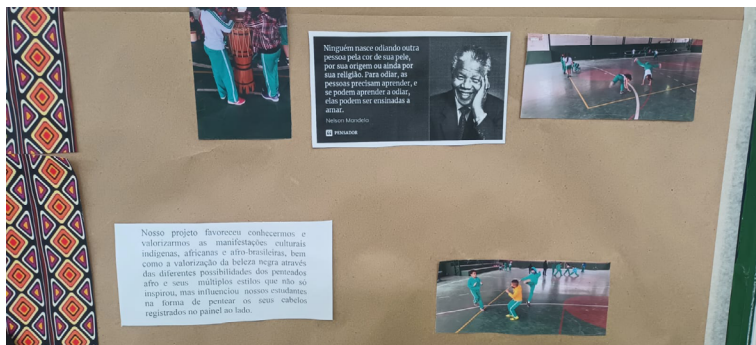
[Ludmilla e Erika Januza falam sobre casos de racismo que já sofreram | Altas Horas | TV Globo](#)

[O emocionado discurso da menina de 9 anos que chamou a atenção do mundo para a tensão racial nos EUA](#)

Uma das maiores alegrias que nós professores/as tivemos nessa re-gência compartilhada foi a mudança sutil na maneira com que as/os alunas/os passaram a utilizar os seus cabelos usando vários penteados, lacinhos e presilhas no cabelo, cortes afros e estilo black power. Aos poucos a vergonha foi cedendo lugar para ousadia e muitos penteados lindos foram surgindo, então passei a registrar esses momentos tirando fotos dos/as alunos/as. Foi muito emocionante perceber que o nosso plantio, a nossa reiga, estava no processo de florescer e muitos penteados flo-resceram e não poderíamos deixar de compartilhar com vocês essa pas-sagem do orgulho em ter cachos e fazer vários penteados afros, onde até as crianças com cabelos lisos fizeram penteados afro. Eu me lembro que nessa etapa final do nosso projeto faltando um mês para o término das aulas nós tivemos a honra de receber mais um professor que veio estagiar conosco, o querido Alef, que ao se apropriar do nosso trabalho e presenciar o que estava acontecendo, sugeriu que elaborássemos co-letivamente com os grupos um painel que retratasse e valorizasse todo o percurso, as produções realizadas e colocássemos as fotos tiradas dos rostos de cada criança e seus penteados dentro do continente africano com a seguinte frase: Somos África. Nós dividimos com vocês essa alegria através dos registros abaixo:



Brincadeiras africanas e afro-brasileiras



Brincadeiras africanas e afro-brasileiras





Agradecemos a todos/as os/as leitores/as por nos acompanharem durante a nossa trajetória no tecer da nossa escrita vivência, pois dividimos com vocês algumas experiências que nos transformaram durante o nosso fazer, o nosso se envolver, o nosso mergulhar nas relações culturais, no viver das vivências e experiências. A cada gesto um novo olhar o tecendo e o crescendo, o ensinando e o aprendendo e o constante se refazendo, nas muitas possibilidades do ser, do conhecer, do experimentar e do aprender, entendemos que a nossa trajetória e a composição dessa história não se faz num instante, mas no visitar constante do ir e vir, nos registros dos gestos, das falas e das atitudes muitas vezes eu me refaço e desfaço. Nos encontros da vida e de vidas, nas oportunidades de coletivamente fazer e potencializar as ações e ofertas de uma escola mais justa, inclusiva, multicultural e equitativa de todos e para todos.

À Ariane, à Fernanda e ao Alef o meu mais sincero e profundo agradecimento, muito obrigado por viver e produzir o currículo cultural na sua mais profunda e sincera doação. A todos os/as alunos/as que passaram por esse projeto e deixaram profundas marcas em nossas vidas e nos ajudaram a crescer como seres humanos. A direção da escola pelo constante apoio, confiança e credibilidade.